

INTELECTUAL NEGRO NO SUL: A TRAJETÓRIA DE OLIVEIRA SILVEIRA
BLACK INTELLECTUAL IN THE SOUTH: THE TRAJECTORY OF OLIVEIRA SILVEIRA

Santa Julia da Silva

Vol. XI | n°22 | 2014 | ISSN 2316 8412



INTELLECTUAL NEGRO NO SUL: A TRAJETÓRIA DE OLIVEIRA SILVEIRA

Santa Julia da Silva¹

Resumo: Este texto propõe retomar alguns aspectos da trajetória política e intelectual do poeta Oliveira Silveira. Observamos que em sua formação não há uma matriz discursiva única, e sim um conjunto de influências, oriundas de diferentes pontos do “Atlântico Negro”: africanas, afro-caribenhas e norte-americanas. Ao mesmo tempo percebemos em sua obra a força da dimensão regional, através da sua reivindicação por uma identidade gaúcha. Enquanto conceitualização provisória, propomos situar Oliveira Silveira como um intelectual negro, contemporâneo, híbrido e diaspórico. Seu pensamento e obra representam contribuições importantes para as narrativas sobre a reconfiguração da identidade nacional.

Palavras chaves: Intelectuais, Trajetórias, Contranarrativas.

Abstract: This text aims at reviewing some aspects of the political and intellectual trajectory of the poet Oliveira Silveira. It has been observed that his educational background is not composed by a unique discursive matrix, but by a variety of influences such as African, Afro-Caribbean and North-American, which are originated from different points of the “Black Atlantic”. In addition to these influences, it is possible to notice in Oliveira’s work the strength of a regional dimension, which can be seen through his claim for an identity based on the state of Rio Grande do Sul. As a provisional conceptualization, it is proposed in this text to place Oliveira Silveira as a black, contemporary, hybrid and diasporic intellectual. His thoughts and work represent important contributions to the narratives about the reconfiguration of the national identity.

Keywords: Intellectual, Trajectories, Counter-narratives.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a pesquisa em curso, onde se procura investigar a trajetória do poeta Oliveira Silveira² e contextualizá-lo como intelectual negro contemporâneo. O que será apresentado é parte de um projeto mais amplo em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas ao qual estou vinculada³, e tem dentre outros objetivos, destacar os significados que essa trajetória comporta aos coletivos negros no Brasil e ao Rio Grande do Sul de forma especial.

A reflexão parte de três convicções *a priori*. Primeira, que as transformações ocorridas no estado brasileiro, no que diz respeito, as desigualdades de origem étnico-racial, são consequências da atuação de

¹ Universidade Federal de Pelotas. Aluna do Programa de Pós- Graduação em Antropologia. É graduada em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente está vinculada ao Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Bagé, onde atua como técnica veiculada ao Departamento de Pesquisa, Ensino e Extensão.

² Poeta negro brasileiro, nascido em 1941 na área rural de Rosário do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, filho de Felisberto Martins Silveira, branco, brasileiro de pais uruguaios, e de Anair Ferreira da Silveira, brasileira, de pai e mãe negros gaúchos. Assim se definia o poeta Oliveira Silveira.

³ O trabalho tem como título “*Vem vamos juntos! Dá-me tua mão e vamos juntos! Vamos juntos, juntos, juntos!*”: Reconhecimentos e narrativas sobre a trajetória de Oliveira Silveira. A referida dissertação tem como orientadora a Prof.ª Dr.ª Rosane Rubert.

homens e mulheres negras. Estes, de forma particular empreenderam lutas históricas de combate ao racismo e ao direito de viver a diferença. Segunda, a obra de Oliveira Silveira nos possibilita ampliar a compreensão sobre essas lutas que impulsionaram as políticas compensatórias implantadas no país nas últimas décadas. E por último, permanece ainda, a necessidade de uma maior divulgação, conhecimento e reconhecimento da amplitude e importância desse intelectual. É um propósito ambicioso deste trabalho, contribuir para apresentação de Oliveira Silveira ao mundo acadêmico, especialmente ao campo da antropologia.

Ao abordar uma trajetória propomos pensar também a relação entre o individual e o social, tomando essa trajetória enquanto forma discursiva, que pressupõem ultrapassar o campo das representações e conceber esse sujeito e sua trajetória como produto de experiências intersubjetivas e com interfaces com os mais variados campos de atuação social. Interroga-se também, o quanto na sua produção intelectual, está presente a diferenciação regional a partir de aspectos históricos e culturais.

O Estado do Rio Grande Sul, quando comparado ao resto do país, incorporou especificidades geopolíticas e econômicas. Isso resultou em consequências importantes para os africanos e seus descendentes. Embora, com participação na atividade agropastoril, atividades domésticas, ofícios especializados (carpinteiros, ferreiros, etc.) e nas guerras de fronteiras, foram as charqueadas que concentraram os registros historiográficos da presença negra. Até idos da década de oitenta. Entretanto, ainda que as abordagens historiográficas estejam sendo revisitadas quanto a este aspecto, permanece no imaginário comum, a ausência da presença dos negros na formação do Rio Grande do Sul. Temos então no discurso hegemônico, um Estado onde padrão étnico-racial resulta com a predominância da colonização europeia.

Gutfreind (1990), analisando o vazio historiográfico sobre o negro no Rio Grande do Sul, expõe de forma visceral o pensamento daquele que foi um dos principais historiadores do sul do país: *Moysés Vellinho*. Ao trazer uma análise sobre obra desse autor, ela evidencia o projeto da historiografia contemporânea gaúcha.

[...] o verdadeiro objetivo da historiografia contemporânea gaúcha foi substantivar uma história sul-rio-grandense desde o início vinculada a Portugal e ao restante do Brasil, excluindo o papel do negro em sua formação. É daí que advém o zelo pela história açoriana, o aprofundamento da busca documental destes laços de origem, o retorno ao passado lusitano, ignorando as íntimas relações com a África negra.

Mesma linha de análise, encontramos no pensamento de Oliven (1996), ao identificar a ausência da presença negra e indígena na formação do gaúcho. A figura do gaúcho tal como ela se apresenta no Rio Grande do Sul, foi inventada a partir desse imaginário excludente. Os diários do viajante francês *Saint Hilaire*

que percorreu o estado em 1820, é uma fonte usada para compor a historiografia do Rio Grande do Sul. Neles, o que predomina é democracia sulina e vida livre do pastoreio da campanha. O antropólogo ressalta que os italianos e alemães que ocuparam a região norte do estado com atividades econômicas díspares da região da campanha, também se apropriam e fortaleceram esse discurso sobre a identidade gaúcha. Nessa composição excluem-se: índios, negros e os próprios colonizadores alemães e italianos.

Como essas diferentes dimensões se transformam em uma narrativa contra hegemônico⁴ na produção intelectual de Oliveira Silveira? De um lado, as influências do “*Atlântico Negro*”⁵ que são descortinadas ao poeta, através do mundo acadêmico, de outro a sua própria biografia, de quem nasceu no mundo rural, mais especificamente na fronteira oeste, também conhecido como pampa gaúcho e lá viveu sua infância e parte da juventude.

A rede de significados que o lugar comportava para Oliveira Silveira ficou expressa em seu livro *Bandoné do Caverá*, onde tomado por um lirismo, o poeta conta a história de sua família e do local onde viviam. Há uma estética apurada nesse livro, de tal sorte, que o leitor é convidado a imaginar lugares como a *Serra do Caverá*, *Touro Passo* e o *Rincão dos Silveira*⁶, não como receptáculos da memória do poeta, mas como locais dinâmicos onde a música empresta sentido a vida e a experiência é revisitada através da poesia.

Partindo da noção que o intelectual é aquele que representa para uma coletividade, tendo uma vocação para condensar e articular uma mensagem, um ponto de vista (SAID, 1995), a pesquisa busca entre os interlocutores de Oliveira Silveira apreender os sentidos dessa vocação. Os primeiros dados biográficos remetem a infância em de Oliveira em Touro-Passo, conforme depoimento de um amigo de infância. “*O Oliveira iniciou estudando na casa de seus pais, no Touro-Passo. Lá Seu Felisberto adaptou metade do galpão - de pedra, chão batido e cobertura de capim - para que a professora [...] pudesse lecionar*” (Prefácio da Antologia Poética de Oliveira Silveira, 2010, p. 4), posteriormente ele prestou exame de admissão ao ginásio e cursou o ginásio morando em pensões na cidade de Rosário do sul.

Após o ginásio, deslocou-se do interior para capital do Estado com o propósito de cursar o que hoje, denominamos ensino médio. Estudou no Colégio Estadual Júlio de Castilho, inicialmente não possuía uma residência fixa em Porto Alegre, quando então passou a morar na Casa de Estudante Juventude Universitária Católica – JUC, observamos que a trajetória de estudante de Oliveira Silveira está marcada por esses dois espaços de intensa vida política: a JUC e o Colégio “Julinho”. Como o próprio Oliveira Silveira reconheceu em depoimento ao Movimento Negro Unificado de Brasília, em 1996, a sua consciência de

⁴ No contexto desse trabalho usamos a definição de “narrativa contra hegemônica” fazendo alusão aos estudos de autores pós-coloniais, que em suas análises do mundo contemporâneo, globalizado, identificam grupos que mesmo a margem do poder, empreende suas lutas de diferentes formas e propõem outras narrativas para contar sua própria história e interpretar seu vivido. Essas, por sua vez acabam impactando as estruturas de poder e as narrativas dominantes, produzindo reconfigurações políticas e culturais.

⁵ Um conceito proposto pelo Sociólogo Paul Gilroy que representa a metáfora do navio em movimento carregando muito mais que africanos, carrega também projetos, ideias, artefatos e ativistas.

⁶ Locais situados na zona rural do município de Rosário do Sul/RS.

homem negro surge na condição de acadêmico do curso de letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde ingressou na década de sessenta.

Oliveira Silveira habilitou-se em língua e literatura portuguesa e francesa. Essa formação será um dado importante para a constituição do intelectual. Embora seus escritos tenham começado cedo, quando ainda morava em Rosário do Sul e divulgava seus trabalhos nas emissoras de rádio e jornais da cidade, seu primeiro livro *Germinou* foi publicado em 1962. A consolidação de sua vida literária parece ter acontecido a partir de sua formação como professor de letras. Através dela, Oliveira Silveira aprofundou seu conhecimento sobre o movimento literário *Negritude*. Esse movimento possuía como característica em termos políticos, a luta contra o colonialismo europeu e a violência que esse acarretava aos grupos colonizados. Em termos culturais, também lutavam em favor de um sentimento de valorização e pertencimento ao mundo dos valores e das práticas de “origem” africana. Acreditavam que a descolonização passava pelo processo de constituição de uma autonomia política e pelo enfretamento aos valores dominantes da cultura europeia.

Profundo e consistente nas suas propostas, o movimento *Negritude* apresentou um caráter revolucionário no sentido do pensamento e da prática política. Seus principais expoentes ocuparam posições políticas de destaque. *Léopold Sédar Senghor*, poeta senegalês, um dos mais representativos líderes do movimento *Negritude* tornou-se, primeiro presidente da República do Senegal, *Aimé Césaire* natural da Martinica, poeta e prefeito da cidade de *Fort-de-Lance*, capital da Martinica sendo também deputado pelo partido Comunista (PEREIRA, 2010).

As lutas que se travavam pelos direitos civis americanos também informaram e formaram o percurso desse intelectual. Além desses poetas citados, Oliveira Silveira também conheceu a obra do poeta negro norte-americano James Langston Hughes, falecido em 1967, com uma história relacionada à poesia e ao jazz. O poeta norte-americano era um frequentador assíduo do Harlem, bairro negro de Nova York. No poema *Nomes em Carvão* Oliveira Silveira referencia esse poeta e outros: *Senghor, Césaire, Langston Hughes/- poetas da palavra de ébano - e Martin Luther king, Louis Armstrong/ - o preto do trompete som de prata*. Encontramos ainda, na produção de Oliveira Silveira um poema cujo título é *Angela Davis*⁷, onde ele a compara a um Baobá⁸.

Assim, observamos que embora essas influências de africanos e afro-americanos, estivessem em disputa em termos das culturas da diáspora, percebemos que Oliveira Silveira “bebeu” dessas distintas fontes e no conjunto de sua produção ele parece transitar de forma autônoma e segura, qualificando sua produção intelectual sobre os negros no Brasil e no Rio Grande Sul.

⁷ Ativista Negra, revolucionária integrou grupo denominado Panteras Negras, nos Estados Unidos sendo presa e protagonizando um dos mais polêmicos julgamentos da história dos tribunais norte-americanos.

⁸ Arvore típica do continente africano e de grande significação para diferentes culturas africanas.

Nesse contexto, fica quase inseparável a sua atuação em grupos negros organizados sobre a sua liderança, e a consolidação da sua atividade poética. Um ano antes do Grupo Palmares⁹ fazer a evocação ao *vinte de novembro*, Oliveira Silveira já havia sido premiado com menção honrosa da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro, pelo livro *Banzo Saudade Negra*. Ressalta-se assim, o lugar ocupado por Oliveira Silveira, tanto na sua atuação como poeta, quanto na evocação do vinte de novembro, hoje dia nacional da consciência negra. Essa é uma ação que podemos incluir no processo de narrativas contemporâneas que interrogam discursos hegemônicos sobre a identidade nacional e sobre a invisibilidade dos processos de lutas e resistência negra durante a escravidão.

O que é o *vinte de novembro*? O que é consciência negra? O que é política? O que é cultura? O que é ficção ou realidade? A trajetória intelectual de Oliveira Silveira é um desafio e um convite ao a ruptura com as fronteiras fixas. Ficarmos buscando esses limites é uma tarefa tão árdua quanto inócua, devemos atentar para essas fronteiras e perceber quais são as relações que elas produziram e produzem em situações da vida e da sua reprodução. Para compreender a trajetória de Oliveira Silveira, adotamos a perspectiva de que os significados sempre são colocados em risco na ação, pois os sujeitos interpretam os eventos históricos através de conceitos informados pelo sistema cultural e esse é um sistema aberto (SAHLINS, 2006).

É também, nesse contexto de risco que se impõem na sociedade moderna e contemporânea o lugar do intelectual, como alguém que vê o mundo de um lugar de exílio. Explicar, compreender como uma determinada realidade se constituiu como tal, e como ela pode ser modificada são as demandas apresentadas ao intelectual contemporâneo. Oliveira Silveira, como intelectual do seu tempo, interrogou as relações hegemônicas ao mesmo tempo em que expressou e propôs outra performance de estar no mundo na condição da negritude.

Encontramos na poesia de Oliveira Silveira diversos poemas, que são releituras de cânones da literatura nacional. Personagens como do *negrinho do pastoreio*, da *mãe-preta* e *nega fulô*, são reescritos como contra discursos em sua poesia. Nesse momento não é possível trazer aqui uma análise comparativa desses poemas, entretanto, destacamos que eles nos possibilitam pensar como afirma a crítica literária pós-colonial sobre o papel que a literatura desempenha, seja na afirmação de estereótipos como temos, por exemplo, na literatura brasileira ,a figura da mulata sensual, seja como contranarrativa e negação de valores hegemônicos no recontar da história e das estórias (BHABHA, 2001).

Sobre essa noção de recontar história e estória encontramos na trajetória de Oliveira Silveiro um material muito rico. Como exemplo, citamos o poema de Jorge de Lima¹⁰ *Essa negra Fulô*, que apresenta a triangulação entre a família patriarcal brasileira e a escrava doméstica como objeto sexual do homem

⁹ Grupo organizado sobre a liderança de Oliveira Silveira. Em 1971, esse grupo sugeriu a evocação do 20 de Novembro, como substituição as comemorações do 13 de maio. Em 1978 tornou-se o Dia Nacional da Consciência Negra, denominação proposta pelo Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, MNUCDR.

¹⁰ Considerado um importante representante da literatura moderna no Brasil. Publicou em 1920 o poema citado.

branco, que passa a acusá-la constantemente de roubo para criar a situação de exploração sexual. *O sinhô foi ver a negra/levar couro do feitor/a negra tirou a roupa/o senhor disse: Fulô!/(a vista se escureceu que nem a negra Fulô)/Essa negra Fulô!/Essa negra Fulô!*

Já em Oliveira Silveira, temos *A outra nega Fulô*. O poeta negro retira de Fulô, o aspecto de passividade e de objeto sensual do homem branco. Nesta segunda versão, a exaltação à Fulô se altera, ele diz:

*sinhô foi açoiar/a outra nega Fulô/- ou será que a mesma?/a nega tirou à saia, /a blusa e se pelou./o sinhô ficou tarado,/largou o relho e se engraçou./a nega em vez de deitar/pegou um pau e sampou/nas guampas do sinhô./- Essa nega Fulô!/Esta nossa Fulô!
“A intenção é definir o grupo social para o qual sua fala está destinada e geralmente, neste discurso, o eu – enunciador reclama para si uma identidade e convoca seus interlocutores a reconhecerem as especificidades e os valores concernentes a ela. Ele dá voz a todo um grupo” (NASCIMENTO, 2009).*

Mesma abordagem, encontramos na sua convicção de articular a identidade afro-gaúcha. Em entrevista concedida em 1993, afirmou: *“somos gaúchos sim, estamos aqui desde as primeiras ocupações do Estado ainda no século XVII. [...] Mas precisamos dar cor aos peões de estância, precisamos dizer que o patrão era branco e peão era negro ou índio”*¹¹.

Na sua obra existem vários poemas classificados pela literatura como regional ou como afro-gaúcha. Escapa a esfera deste texto, retomar aqui a densa discussão existente no campo da literatura, sobre as possibilidades, tanto de uma literatura regional como de uma literatura negra. Entretanto, somos tentados a sugerir que a poesia de Oliveira Silveira nesses dois aspectos, nos aponta uma identidade híbrida, ela se constitui tanto na referência a uma vida nos pampas, quanto a uma referência ancestral em África. A noção de hibridismo remete a apropriação de signos, com valor desigual, mas ao mesmo tempo pressupõem um deslizamento e uma dinâmica constante. Assim os significados são constantemente, alterados e modificados (HALL, 2001).

Entre 1970 a 1974, Oliveira Silveira escreveu um poema denominado *A décima do negro peão*, em uma parte do poema há um desafio de trova entre um peão negro e outro branco, que de certa forma, remete a essa noção de hibridismo. BRANCO: *Se houver por aqui quem cante/que se apresente o cantor/seja branco seja preto/pode ser de toda a cor/prefiro que seja preto/pra surrar de tirador* NEGRO: *Pra surrar de tirador/prefere que seja negro/é preto teu tirador/e branca a lã do borrego/prefiro o contrário branco/pra surrar de pelego*. BRANCO: *Para surrar de pelego não vais matar essa gana/e já que és negro crioulo/das selvas e das choupanas/quero que faças um verso/só com palavras africanas*. NEGRO: *Só com palavra*

¹¹ Parte de uma conversa quando conheci o poeta em uma fase que eu investigava sobre os CTGs de Negros no Rio Grande do Sul.

africana/Bahia tem vatapá/Rio Grande canga e cacimba/e o Brasil tem orixá/eu tenho tunda e culepe/tuzina no teu tundá.

Nas manifestações expressivas das culturas da diáspora encontramos a política de realização e a política de transfiguração (GILROY, 2001). Na primeira teríamos a questão das lutas políticas pelo alcance da igualdade prometida pelo projeto da modernidade. E a segunda seria a ordem do performativo, atuando numa quase invisibilidade e expressando outras formas possíveis de ser e estar no mundo. As manifestações culturais representariam a partir dessa segunda perspectiva, uma forma de narrativa e de luta pelo exercício do poder. E nesse contexto que a literatura torna-se importante, como instrumento no qual a cultura e a política se articulam numa única instância. A literatura torna-se um *entre-lugar*, um interstício de subversão, um lugar de luta política (BHABHA, 2003).

É preciso ler Oliveira com alguém que pretende, como muitos de outros intelectuais seus contemporâneos, reelaborar o passado mítico indo beber, por exemplo, nas próprias tradições correntes, que brotam das instituições religiosas negras, como se pode observar em seu livro de poemas *Orixás*, tendo a cultura brasileira como modelo, e não a inocente crença na *verdadeira origem*, impossível de se resgatar visto que se encontra perdida no continente africano ou no meio do oceano (OLIVEIRA, 2012, p. 04).

Aqueles que se dedicam a compreender sua trajetória informam que Oliveira Silveira, por decisão política, não entregou seus escritos para nenhuma editora. Seus livros foram todos produzidos de forma artesanal, pelas suas próprias mãos. Um dos relatos mais impressionantes que ouvi no meu trabalho de campo tratou-se da editoração de seu livro *Bandone do Caverá*, quando Oliveira Silveira já estava gravemente doente. Eliane, amiga de Oliveira Silveira e bibliotecária que cuida do seu acervo, relatou que um amigo digitou o texto original e levou para uma gráfica fazer a impressão. A montagem do livro aconteceu em seu apartamento. Quando Oliveira Silveira já estava bastante debilitado. Ela afirmou que certo dia encontrou-o junto a uma mesa, no limite de suas forças quando já não podia se deslocar sem ajuda, montando aquela que seria a sua última obra.

Quando situamos Oliveira Silveira na condição de intelectual, de pensador importante, precisamos pensar quais são os elementos representativos dessa questão, a idiossincrasia de sua conduta torna-se um dado a ser analisado no contexto dessa pesquisa. Oliveira Silveira publicou mais de dez títulos individuais, além de outras tantas participações em trabalhos coletivos. Identificar esse espaço de produção é significativo, pois é inconcebível a ideia de um intelectual privado (SAID, 1993). Suas obras são as rotas que nos possibilitam acessar seu pensamento. Reconhecer a trajetória de Oliveira Silveira como sendo de um intelectual cuja força discursiva interrogou o lugar de narrativas dominantes sobre a identidade nacional, obriga um reconhecimento do pesquisador e escritor rigoroso. Sua trajetória é multifacetada, seu trabalho

situa-se numa articulação constante entre um fazer ético e estético. O primeiro representado na sua atuação como protagonista de ações importantes à constituição de organizações contemporâneas de natureza política e cultural. A segunda representada pela complexidade de sua obra intelectual, pois além de poeta dedicou-se a música, a dança ao teatro, sendo também um estudioso autodidata sobre história da África. Percebemos, portanto, uma trajetória múltipla, densa e híbrida, assim como observamos diferentes interpretações que estão sendo desveladas no percurso dessa pesquisa, as quais refletem a complexidade de seu vivido. O intelectual é aquele que empresta voz ao grupo, devemos reconhecer que essas diferenças resultam dessa interação e da forma como cada sujeito participa da experiência cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- GILROY, P. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. 34; UCM, 2001.
- GUTFRIEND, I. O Negro no Rio Grande do Sul: o Vazio Historiográfico. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUCRS, XVI (1,2), p. 175- 187, jul-dez., 1990.
- HALL, S. *Da Diáspora*. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- NASCIMENTO, T. A Outra negra Fulô, de Oliveira Silveira, “Pra escândalo do bom Jorge de Lima.” *Diálogo e Interação*, v. 2, 2009.
- OLIVEIRA, H. Oliveira Silveira: política de exceção e poética do além. *VI Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura*, PPG em Letras: Estudos Literários. Faculdade de Letras. UFJF 28 a 31 de maio de 2012.
- OLIVEN, R.G. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I.B. (org.). *Negros no Sul do Brasil*. Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 1996.
- PEREIRA, A.A. *O Mundo Negro: A constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil (1970-1995)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense – Programa de Pós-Graduação em História. Rio de Janeiro, 2010.
- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. RJ: Jorge Zahar, 2006.
- SAID, E. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Trad.Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SILVEIRA, O. *Obra Reunida*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAC, 2012.
- SILVEIRA, O. *Poema: antologia*. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.